

Identidade profissional de professores: um referencial para pesquisa*

Cristovam da Silva Alves; Delcimar de O. Cunha; Virgínia Mara Cunha; Bernardete Gatti; Luci F. Lima; Márcia Hobold; Camila Igari; Tânia Gonçalves Martins; Amali de Angeli Mussi, Rita de Oliveira; Valkíria Rigolon; Márcia Pacheco; Karina Pagbez; Rodinei Pereira; Delma Soares dos Santos; Magali Aparecida Silvestre; Marili Moreira da Silva Vieira

Resumo

O presente trabalho é resultado de estudo realizado por alunos da disciplina-projeto “O papel da experiência na constituição da profissionalidade de professores”, coordenada pela Profa. Dra. Bernardete Gatti. Visando desenvolver um projeto de pesquisa sobre questões relativas à constituição de identidades profissionais de professores, sentimos a necessidade de aprofundarmos as investigações sobre questões da identidade e profissionalização docente, estudando a identidade profissional do indivíduo não mais unicamente do ponto de vista de sua subjetividade, mas compreendendo a constituição da identidade como interação entre os parceiros e a sua trajetória pessoal e social. Escolhemos, para tanto, a abordagem de Dubar (2000; 2005), que tem se debruçado no estudo de configurações identitárias para compreender como estas se constituem, se reproduzem e se transformam. O autor trabalha com a idéia de identidade como “forma identitária” e sustenta que as formas

* Grupo de pesquisa: *O papel da experiência na constituição da profissionalidade de professores* com a coordenação: Prof. Dra. Bernardete A. Gatti – PUC-SP/ Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: *Psicologia da Educação*.

identitárias profissionais se configuram nas relações sociais e de trabalho. Este trabalho é uma exposição teórica que subsidiará uma posterior investigação sobre formas identitárias de profissionais docentes, na intenção de subsidiar uma discussão sobre profissionalidade de professores.

Palavras-chave: identidade profissional; formação de professores. Profissionalidade.

Professional identity of teachers: a referential to research

Abstract

The present task resulted from a study realized by the students of the discipline – project. “The role of experience in the constitution of professionalizing the teachers”, coordinated by Prof. Dr. Bernadete Gatti. Searching to develop a research project about a subject related to the professional constitution of identities of teachers, we felt the necessity of deepening the investigations about questions of identity and teachers’ professionalism, studying the individual professional identity not from the subjective point of view, but understanding the constitution of the identity as interaction among their partners and their social and personal trajectories. We have chosen, for this, the approach of Dubar (2000; 2005), which has embraced the study of identity configurations to understand how they are constituted, reproduced and transformed. The author works with the idea of identity as: “Identity form” and support that the professional identity forms configure themselves into the social and work relations. This work is an theoretical exposition which will be the base to a posterior investigation about identity forms of teachers’ professionals, in the intention of giving support to a discussion about professionalism of teachers.

Keywords: professional identity; qualification of teachers; professionalism.

Identidad profesional de profesores: Un referencial para la investigación

Resumen

Este trabajo es resultado de estudios realizado por alumnos de la asignatura-proyecto “El papel de la experiencia en la consti-

tución de la profesionalidad de profesores”, coordinada por la Profa. Dra. Bernardete Gatti. Con el objetivo de desarrollar un proyecto de investigación sobre cuestiones relativas a la constitución de identidades profesionales de profesores, sentimos la necesidad de profundizarnos en las investigaciones sobre cuestiones de la identidad y profesionalización docente, estudiando la identidad profesional del individuo no más únicamente desde el punto de vista de su subjetividad, pero comprendiendo la constitución de la identidad como interacción entre los compañeros y su trayectoria personal y social. Elegimos, para eso, el abordaje de Dubar (2000; 2005), que se ha detenido en los estudios de configuraciones *identitárias* para comprender como éstas se constituyen, se reproducen y se transforman. El autor trabaja con la idea de identidad como “forma *identitária*” y sustenta que las formas *identitárias* profesionales configúrense en las relaciones sociales y de trabajo. Este trabajo es una exposición teórica que subsidiará una posterior investigación sobre formas *identitárias* de profesionales docentes, con la intención de subsidiar una discusión sobre profesionalidad de profesores.

Palabras-clave: identidad profesional; formación de profesores; profesionalidad.

Introdução

Visando desenvolver um projeto de pesquisa sobre questões relativas à constituição de identidades profissionais de professores, buscamos um referencial que sustentasse a procura de dados sobre a questão e sua análise. Escolhemos para tanto a abordagem de Dubar (2000; 2005), a partir da qual pretendemos adentrar no tema que nos ocupa.

André (2004) nos mostra que, a partir do início da década de 1990, o tema “identidade e profissionalização docente” apareceu como um tema emergente no conjunto das teses e dissertações sobre formação de professores defendidas no Brasil. Em estudo mais recente, tendo como referência os resumos das teses e dissertações defendidas no ano de 2003, realizado por André et al (2005), verifica-se que este tema passou a ser considerado uma opção de investigação que vem chamando a atenção dos pesquisadores, representando 43% dos trabalhos analisados.

Observando as abordagens desse tema, sentimos a necessidade de aprofundarmos as investigações sobre questões da “identidade e profissionalização docente”, estudando a identidade profissional do indivíduo não mais unicamente do ponto de vista de sua subjetividade, mas compreendendo a constituição da identidade como interação entre os parceiros e a sua trajetória pessoal e social, numa ótica da sociologia do trabalho e da psicologia social. Com esta intenção, referenciamos-nos em Claude Dubar,² que tem se debruçado no estudo de *configurações identitárias* para compreender como se constituem, se reproduzem e se transformam. Nesta perspectiva abre-se para nós a possibilidade de articularmos dois referenciais: a identidade e a profissionalidade.

Dubar (2005) trabalha com a idéia de identidade como “forma identitária”. As formas identitárias profissionais se configuram nas relações sociais e de trabalho. Estas serão nosso referencial para o trabalho investigativo a que nos propomos. Os estudos deste autor, realizado por décadas, elucidam os *processos de socialização* pelos quais as identidades profissionais se constroem e se reconstróem ao longo da vida, o que nos permite analisar as modalidades de identificação profissional de docentes, como essas formas identitárias se constituem, como se articulam frente às crises que atravessamos atualmente em nosso país.

Partimos do pressuposto de que as quatro categorias de análise das formas identitárias, apresentadas por ele, podem servir como modelos explicativos na compreensão da profissionalidade docente. A profissionalidade está interligada a uma identidade constituída social e profissionalmente, que recria experiências todo tempo. O autor nos permite estudar as formas identitárias profissionais, analisando categorias que compartilham modos de identificação e formas de agir, compreendendo o processo contínuo de diferenciação e generalização. Tal processo se dá num movimento dialético no qual reside o que há de único e de compartilhado, opondo-se a concepções essencialistas ou personalistas.

¹ Claude Dubar é professor de sociologia na Universidade de Versailles Saint Quentin e diretor do Laboratório Printemps [profissões-Instituições-Temporalidade], associado do Centro Nacional de Pesquisa Científica. Publicou *Analyser les entretiens biographiques*, *Sociologie des professions* e *La Crise des identités*.

Este trabalho se configura como uma exposição teórica que será referência para uma posterior investigação sobre formas identitárias de profissionais docentes, na intenção de possibilitar uma discussão sobre profissionalidade de professores.

A identidade é compreendida como

[...] resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições (DUBAR, 2005 p. 136).

Para entendermos a estruturação identitária é preciso retomar a articulação dos processos identitários que se desenrolam nas múltiplas relações na vida, que são heterogêneos, inseparáveis, complementares ou contraditórios. Nessa dinâmica consideram-se os processos biográficos – identidade para si (o que o indivíduo diz de si mesmo, o que pensa ser, ou gostaria de ser), e os processos relacionais – identidade para outro (quem o outro diz que eu sou, a identidade que o outro me atribui). Na articulação desses processos ocorre a atribuição de papéis pelo outro, a interiorização que é a aceitação e vivência do papel e a incorporação, processo pelo qual esse papel passa a fazer parte da identidade social-profissional do indivíduo. A identidade socialmente construída sofre a ação do tempo e da história, possibilitando a evolução das categorias pertinentes à identificação social e pode sofrer alterações pelas negociações identitárias, quais sejam, identidade para o outro conferida e identidade para si construída; identidade social familiar e identidade social visada.

O trabalho constitui um espaço para a ocorrência dessas negociações identitárias, as quais darão origem a uma estrutura de identidade profissional. A identidade profissional resulta das relações e interações no trabalho, fundada em representações coletivas variadas, construindo atores do sistema social, institucional ou empresarial. As relações de trabalho fundamentam-se na luta pelo poder em um contexto de acesso desigual, dessa forma, teremos diferentes identidades típicas no exercício da profissão. O autor destaca quatro identidades típicas em ação no trabalho:

- Identidade do “distanciamento”: combina as preferências individuais com estratégias de oposição.
- Identidade “fusional”: combina as preferências coletivas com estratégias de aliança.
- Identidade “negociatória”: alia polarização no grupo com estratégias de oposição.
- Identidade “afinitária”: alia preferências individuais com estratégias de aliança.

A elucidação das formas de identificação socialmente pertinentes em uma determinada esfera de ação, a partir do estudo de suas dimensões relacionais e biográficas, são definidas por Dubar como *formas identitárias*, nas quais temos uma concepção de ator, que se define a um só tempo pela estrutura de sua ação e pela sua formação, inseridas em um contexto e uma história.

Profissão e a socialização profissional na constituição da identidade social

A profissão, segundo Dubar (2005), se reveste de importância particular como dimensão da identidade dos indivíduos, principalmente quando se considera as novas configurações que assumiu nos últimos anos: as condições de emprego e trabalho hoje estão bem mudadas e, conseqüentemente, isso condiciona de modo imperativo a construção das identidades sociais/profissionais. Buscar elementos de compreensão do trabalho e da formação, do mercado de trabalho e das relações profissionais, certamente contribuirá ao esclarecimento dos agentes intervenientes no processo de socialização e nas dinâmicas identitárias.

O termo “sociologia das profissões” compreende as idéias de emprego (inglês: *occupations*), das profissões liberais (inglês: *professions*) e ofício (francês: *métier*), fato a lhe conferir complexidade interpretativa a ser considerada. Remete à história, mais precisamente ao século XI, quando o trabalho conciliava as artes liberais e mecânicas, reunindo em uma mesma corporação artesões e trabalhadores intelectuais, originando daí o termo “profissão”, nascido dos rituais de fé dos juramentos proferidos nas admissões às corporações. Contudo, após o nascimento das universidades – no século XIII – houve uma cisão entre artes

liberais e mecânicas, derivando daí estratificações sociais de trabalho reproduzidas no decorrer dos tempos.

Dubar nos indica, por meio das revisões teóricas empreendidas, que a profissão pode ser abordada no funcionalismo e no interacionismo. A abordagem funcionalista concebe os profissionais como comunidades unidas em torno dos mesmos valores e mesma ética de serviços e considera o status profissional apoiado no saber científico. Duas características aparecem aqui: na primeira, a aceitação, a formação e a difusão de um código deontológico levam à aquisição de status profissional; na segunda, considera a posse de um saber teórico advindo de um longo processo de estudo capaz de garantir não só a competência, como o afastamento de práticos na profissão (PARSONS, 1939; GOODE, 1957; WILENSKY, 1964, citados por DUBAR, 2005).

Para apreender o fenômeno profissional sob a ótica do interacionismo simbólico, Dubar se fundamenta em Hughes (1958), o qual considera como ponto de partida da análise sociológica do trabalho humano a “divisão do trabalho”, indicando a necessidade da não separação de “[...] uma atividade do conjunto das atividades em que ela se insere e dos procedimentos de distribuição social das atividades” (p. 177). A apreensão do fenômeno profissional em Hughes (1958) se faz por duas noções essenciais: o “diploma” e o “mandato”. O diploma consiste na autorização legal para o exercício de determinada atividade não autorizada a outros indivíduos; enquanto o mandato se define como a distribuição de determinadas funções valorizadas pela coletividade a grupos, categorias ou indivíduos, representando um poder simbólico emitido pela sociedade. Os profissionais providos de diploma e mandato apresentam como atributos um saber específico autorizado pela ciência no que tange questões, situações e fatos de seus “clientes”, guardando-os como segredo social a ele confiado. O outro critério diz respeito “[...] a existência de instituições destinadas a proteger o diploma e a conservar o mandato de seus membros” (p. 179). Essas instituições, ao cumprirem esta função, promovem a revalidação do diploma, zelam pela aprendizagem de seus membros e os protegem do charlatanismo, inclusive de erros profissionais. No entanto, há

que considerar um último critério nas análises de Hughes para as profissões: a profissão como carreira e como meio de socialização. Se a coletividade profissional define a natureza dos serviços e as condições para realização, e se o mandato relaciona-se a “[...] determinadas funções sagradas [...]” (p. 180), deriva dessas prerrogativas a construção de uma filosofia, de uma visão de mundo inculcada de valores e significações. Conseqüentemente, a profissão constitui um grupo dotado de regras, um código informal, de interesses e uma linguagem comum que externa o modelo do profissional, excluindo aqueles que não correspondem a este conjunto determinado pelos atores do contexto social.

A socialização profissional é concebida por Hughes (1958) “[...] como uma iniciação [...]” à cultura profissional e “[...] como uma conversão [...] do indivíduo a uma nova concepção de si e do mundo [...]”, uma “[...] nova identidade” (p. 182). A socialização profissional, nessa perspectiva, obedece a três mecanismos: a “passagem através do espelho”, “instalação da dualidade” e “conversão final”. A “passagem através do espelho” é uma imersão na cultura profissional, na qual, a crise e o dilema só podem se dissipar por uma renúncia aos estereótipos profissionais concernentes à natureza das tarefas, à concepção da função, à antecipação da natureza das tarefas, à antecipação das carreiras e a imagem de si. A “instalação da dualidade” significa a transposição entre o modelo ideal e o modelo prático. No processo de socialização intervém uma série de escolhas de papéis, ou seja, de interações com os outros significativos. É entendido como uma projeção pessoal em uma carreira futura por identificação com os membros de um grupo de referência (o outro grupo). A “conversão final” é entendida pelo abandono e recalque dos estereótipos e de dualidade entre modelo ideal e normas práticas. Significa o ajuste da concepção de si, quando o profissional toma consciência de suas capacidades físicas, mentais e pessoais, de seus gostos e desgostos e projeção da carreira.

A abordagem interacionista simbólica permite uma análise sistêmica da situação de trabalho com ênfase na carreira, nos planos de carreira e trajetórias sócio-profissionais, o que permite abandonar a análise sincrônica da situação de trabalho para colocá-

la em situação diacrônica com ênfase na carreira e trajetórias sócio-profissionais. Essa perspectiva segundo Dubar, “[...] coloca a socialização profissional no cerne das análises das realidades de trabalho” (p. 187). O termo profissional deve ser apreendido num universo mais amplo do que o até então considerado pela sociologia das profissões, apreensão possível quando se considera as variáveis intervenientes na efetivação do trabalho. Este conjunto de ações e relações desenvolvidas pelos sujeitos sociais afeta o trabalho e por ele são afetadas, instaurando um jogo dialógico cuja complexidade molda no tempo e no lugar as transações necessárias não só à conservação de estruturas, mas e, sobretudo, a possibilidade de transformação das mesmas. Esse jogo dinâmico propicia a seus atores vivências de realização, afirmação, frustração, colegialidade, individualismo, representações, culturas, filosofias dotadas de potencial influenciador não só da configuração da identidade profissional, mas de outras formas identitárias. É nesta vertente interacionista que Claude Dubar se situa.

Essas transações mostram a complexa relação nas instituições e empresas atuais entre os mecanismos que favorecem a profissionalização e a desprofissionalização. Nestas empresas/instituições, a instauração de transações mais complexas que envolvem o reconhecimento de competências, do poder de mobilização dessas para benefício da empresa/instituição e da integração de profissionais visando manter ou aumentar seu poder de expertise, seja pela requalificação, seja pela conversão de um tipo de profissionalidade em outra, pode aqui ser aquilatado como exemplo da importância da socialização profissional na constituição da profissionalidade (LALLEMANT, 1990; MARGLIN, 1970; DERBER e SCHWARTZ, 1988; MONTGOMRY, 1979; LARSON, 1977, DERBER, at al., 1989; citados por DUBAR, 2005).

As transações vividas no processo de organização profissional mostram uma face rica em possibilidades de compreensão, quando vistas sob a ótica das relações de poder. Se por um lado, o empregador busca aumentar seu controle sobre os meios de produção e relações de trabalho, fazendo uso do poder auferido pelo capital e legitimado no êxito econômico, os profissionais por ofício buscam manter o controle sobre o processo de traba-

lho utilizando-se do poder conferido pelo saber e legitimado na posição individual e coletiva na organização. A massa de assalariados, desprovida de poder em decorrência da não posse de capital ou saber, estabelece uma relação conflituosa com os profissionais por ofício ao buscar banalizar o saber visando o acesso a melhores transações, as quais, se concretizadas trazem em consequência a proletarização a todos os profissionais (PARADEISE, 1987; LEGAULT, 1988, citados por DUBAR, 2005). Deste modo, “[...] o fato de a interação constante das duas relações de trabalho (a relação salarial e a relação profissional) corresponder às duas fontes de poder (capital e saber) impossibilita toda visão simplista dos movimentos que tangem à organização do trabalho e à estruturação das atividades na economia capitalista” (DUBAR, 2005, p. 200).

Existem na sociologia das profissões modelos facilitadores, em parte, da compreensão das transações processadas entre assalariados e empregadores, chefes hierárquicos e subordinados, no que tange a competências requeridas e competências possuídas, nas categorias de emprego e nas formações definidoras dos indivíduos. Longe de explicações únicas, esses modelos devem ser pensados como meios para a visualização da qualificação como resultado da instabilidade das relações profissionais (MOORE, 1969; RIVARD, 1986, citados por DUBAR, 2005).

É preciso considerar que as relações que geram os modelos devem ser examinadas no seu componente cultural, visto apresentarem diferenças entre os distintos grupos sociais e, ter claro que elas constituem *formas identitárias duradouras nestes grupos*. Na configuração atual das relações de trabalho, coloca-se como questão principal não mais “[...] quais atividades constituem profissões ou quais indivíduos se tornam profissionais, mas compreender e, se possível, explicar tanto as transformações do acesso ao emprego como as reestruturações dos planos de carreira que implicam exclusões duradouras da esfera das atividades reconhecidas” (DUBAR, 2005, p. 221).

Certamente há interesse de poder inserido no mercado de trabalho, para angariar mais lucratividade em seus negócios e buscar estratégias que dificultem as negociações com os empre-

gados/assalariados. A implantação do plano de cargos e salários baseado no conceito de competência se consubstancia em exemplo dessas transações no mercado de trabalho. Neste caso, a responsabilidade pelo aumento salarial ou promoção para outro posto de trabalho, não é mais da categoria funcional, representada pelo sindicato, mas sim, de cada trabalhador. O não aumento salarial ou de ascensão profissional são justificados pela defasagem em conhecimentos, habilidades e/ou atitudes do trabalhador. Deste modo, uma avaliação individual enfraquece a busca de oportunidades de ascensão salarial e profissional, e perde-se, desta forma, a força coletiva dos assalariados nas negociações com os empregadores.

São nessas condições transacionais que se configuram as formas identitárias profissionais.

Caracterização das configurações identitárias dos docentes

A dimensão profissional das identidades adquire importância particular a partir da compreensão de cada possível configuração identitária que é resultante da dupla transação entre o indivíduo e as instituições e entre o indivíduo em confronto com uma mudança/inação e seu passado. Isso é resultado de uma dinâmica constante da socialização profissional e das identidades sociais, que são produtos da articulação entre uma identidade (virtual) atribuída pelo outro e uma identidade (virtual) para si construída ao longo da trajetória anterior.

As quatro configurações identitárias apresentadas por Dubar (2005) podem ser interpretadas a partir de modos de articulação entre a transação objetiva e a transação subjetiva. Para o autor (p. 206), a transação objetiva é a relação que o indivíduo estabelece com seu espaço de trabalho e com a retribuição concreta da contribuição que dá com seu trabalho para o ambiente social. A transação subjetiva se refere à relação temporal do indivíduo com a profissão, projeções realizadas para si e a identidade construída ao longo de sua vida, a partir dos contextos sociais e dos valores da identidade familiar (constituída na família desde seu nascimento). Esta transação subjetiva pode ser vivida

pelo indivíduo em termos de continuidade, com projeções de si no futuro, ou por ruptura, quando não projeta para si um futuro dentro do espaço de produção passada de sua identidade.

Na relação com a empresa/instituição, na transação objetiva, a continuidade ou a ruptura podem ser reconhecidas ou não, dando, assim, as características de quatro configurações identitárias. A seguir explicitamos quais sejam.

A primeira configuração que apresentamos se caracteriza como uma “identidade estável ameaçada”, que na sua constituição tem na base uma identidade do tipo “distanciamento”, acima caracterizada, em crise. Os elementos que caracterizam esta forma identitária apontam para uma constituição identitária que depende da cultura do mundo do trabalho. Os trabalhadores que se enquadram nesta forma têm uma identidade biográfica para si pautada e forjada no local de trabalho, na experiência. Aprenderam o ofício na prática. Por este motivo, não valorizam a formação fora do local de trabalho, consideram que não poderão aprender algo que não possam aprender fazendo. Não se recusam a realizar treinamentos para aprender algum instrumento novo no trabalho, mas se recusam a teorizar para avançar. Necessitam saber que pertencem a um mesmo grupo que executa o trabalho como eles mesmos o fazem. Esse grupo de profissionais estabelece uma relação (para si) muito direta com o local concreto de trabalho. É uma relação de muita dependência com o chefe, realizam o que é mandado; as mudanças introduzidas trazem insegurança e os ameaça; têm uma relação trabalho-salário muito forte. O trabalho está, para eles, no centro da configuração identitária. A transação objetiva (espaço, contribuição-retribuição) supera a transação subjetiva, pois não “vivem” a progressão profissional, não se imaginam em outras funções, buscando outros locais de trabalho etc. Diante disso, com as inovações, com a mudança de foco para “modelo de competências” ficam com identidades dilaceradas. Reconhecem que não atendem mais aos desejos e expectativas dos superiores, mas não têm dentro de si a busca por outras posições e funções. Não são passivos, no sentido de se distanciarem das mudanças e exigências, mas reagem se defendendo e resistindo às mudanças, pois já se percebem excluídos.

Considerando os professores, nesta configuração (identidade estável ameaçada), construiriam sua identidade profissional prevalentemente por meio das atividades cotidianas, pela experiência direta, valorizando sobremaneira a aquisição de “saberes práticos”. Não buscam novas formações e estabelecem relações de dependência com a chefia e, mediante qualquer desestabilização nessa relação se sentem ameaçados. Adaptam-se ao sistema, aos programas para atender às exigências, não participam dos processos decisórios.

Numa situação de crise, onde “novas competências” passam a ser propaladas/demandadas, pela ruptura na transação subjetiva, ou seja, da relação passado/futuro, vivida em termos de estabilidade e reprodução, sem projeção de futuro, e um não reconhecimento pelos outros significativos da identidade forjada no trabalho, nesta forma de constituição identitária o professor viveria uma “identidade de exclusão”.

Segundo Dubar (p. 275), nesta forma identitária “as suas perspectivas anteriores são questionadas pelas novas formas de polivalência que lhes são propostas”. A transação subjetiva permanece orientada para a esperança de progressão futura, mas a transação objetiva depende totalmente das políticas institucionais.

A segunda forma identitária foi denominada pelo autor que estamos citando como “identidade bloqueada”, que se constitui na crise da configuração identitária fusional. Como trabalhador “por ofício” identificado totalmente com a instituição, bloqueia-se ante as exigências do “novo profissional”. Ao bloquear-se executa atividades de forma repetitiva, burocrática, cumprindo tarefas de modo automatizado. Professores nesta condição administrariam seu espaço de trabalho de uma forma estruturada sem mudanças, e embora sendo um executor polivalente, não se sente reconhecido em sua individualidade pelos pares, apesar de ser reconhecido pela escola como um professor que alcança bons resultados. Porém, nas transações subjetivas, não se sente realizado apenas por ser cumpridor dos programas e isso o leva a perder a identidade própria, fundindo-se com a escola.

A terceira forma identitária que se constitui a partir da conformação “negociatória” se reconstrói numa situação de mudança

como a atual, nas transações objetivas (pelo outro) e subjetivas (por si), como uma forma identitária que se mostra como “responsável pela sua promoção (mobilização)”. Esses trabalhadores têm uma história de mobilidade já construída. Dominam saberes profissionais, articulando teoria e prática, como também dominam os saberes da organização. Há uma continuidade entre a transação subjetiva e a transação objetiva. Há colaboração recíproca, empresa/instituição e funcionário. Para Dubar (p. 293), “a transação objetiva e transação subjetiva se fortalecem e se confirmam mutuamente na construção de uma identidade tanto reconhecida pela empresa quanto socialmente legítima”.

A identidade docente de “responsável por sua promoção” configura os professores que são engajados nas atividades da escola, prevêm na garantia de sucesso da escola a sua permanência no emprego, sua promoção na carreira. São professores colaboradores e articuladores de relações que apresentam forte sentimento de pertencimento, concebem a vida profissional como uma evolução permanente.

A quarta configuração constituída nas alterações/complementações do tipo identitário básico “afinitário”, mostra-se no quadro contemporâneo como uma configuração identitária “autônoma e incerta”. Esses trabalhadores têm certeza que valem mais que o emprego que ocupam. Seus cursos de formação continuada nem sempre têm relação com os desejos da empresa/instituição e nem sempre esta sequer tem conhecimento que o funcionário está participando dessas novas formações. Estes trabalhadores não manifestam pertencimento à empresa. Por sua vez, a empresa percebe que eles não são motivados pelos interesses dela e que provavelmente não terão, ou não quererão, lugar no futuro da mesma. Neste caso, a transação objetiva (relação contribuição/retribuição) está a serviço da transação subjetiva, o que Dubar (p. 308) coloca como uma antecipação da sua trajetória futura não em função das oportunidades ou dos reconhecimentos oriundos de sua empresa atual mas, essencialmente, com base em sua história passada e em suas formações anteriores. Buscam em suas relações de trabalho e nas transações com seus superiores os meios de consolidar e construir projetos pessoais, alheios às dinâmicas coletivas da empresa.

A identidade “autônoma e incerta”, quando relativa a professores, corresponderia àqueles que concebem a sua formação como um investimento pessoal, buscando a capacitação dentro e fora da escola. Definem-se mais pela sua formação continuada do que por seu trabalho prático. Muitas vezes não criam laços sustentáveis com a instituição escolar, buscando oportunidades dentro ou fora da mesma. Não há sentimento de pertencimento com o grupo da instituição. Esses profissionais têm uma certa flutuação em sua identidade social que é definida por eles mesmos a partir de sua relação com o saber teórico. Há uma tendência desses professores direcionarem suas carreiras para a área acadêmica, por exemplo.

Essas quatro configurações identitárias são intensamente vividas pelos professores e remetem a definições de si e dos outros.

A constituição das identidades está sempre em movimento e em mudança de tal forma que o profissional estável pode se tornar ameaçador e o instável se tornar valorizado e fixado. Estes movimentos constituem construções sociais que implicam a interação entre trajetórias individuais e sistemas de emprego, de trabalho e de formação.

Referências

DUBAR, C. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *La crise des identités: L'interprétation d'une mutation*. Paris: PUF, 2000.

MELLOUKI, M.H.; GAUTHIER, C. *O professor e seu tratado mediador, herdeiro, intérprete e crítico*. Campinas: Educação Sociedade, vol.25, n.87, p.537-571, maio-agosto. 2004.

ANDRÉ M. Questões metodológicas na investigação dos saberes docentes sobre avaliação. In: SCHIGUNOV, A.; SCHINURA, L. *Desatando os nós da formação de professores*. Porto Alegre: Editora Porto Alegre, p. 65-78, 2002.

_____. et al. *Pesquisas sobre formação de professores: uma análise das racionalidades*. Endipe, 2006.

Endereço para correspondência: PUC-SP/ PPGE

Rua Ministro Godoy, 969, 4º andar, Perdizes, SP • CEP: 05015-910

• Fone: 3670-8527 • E-mail: gatti@fcc.org.br

Recebido: dezembro de 2006

Aprovado: fevereiro de 2007